

**MEMÓRIAS FICCIONAIS E INTERDISCIPLINARES:
O ALIENISTA ULTRAPASSANDO FRONTEIRAS**

Ana Carolina A. de L. Oliveira (UFT)
acalofashion@gmail.com

Andrea Martins Lameirão Mateus (UFT)
andreamateus@uft.edu.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo realizar uma análise do conto de Machado de Assis, “O Alienista”. Partindo de um olhar crítico sobre loucura e poder, Machado trabalha com essas temáticas, sobrepondo anormalidade à normalidade, tida como um parâmetro a ser seguido. Em sua narrativa, aqueles que fugiriam à regra seriam anormais, mas tudo isso é relativizado na ironia machadiana. O discurso da anormalidade controla, limita e censura os seres diferentes. A trama de “O Alienista” se passa no Brasil, nos tempos de colônia, numa cidade muito pequena chamada Itaguaí, nas redondezas do Rio de Janeiro. Utilizaremos Foucault para nossa leitura da obra machadiana, como parâmetro para uma reflexão direcionada. Ao longo do conto, Machado de Assis cria situações excêntricas com o objetivo de manter a reflexão sobre os mistérios da mente humana, sobre a vida em sociedade e as relações de poder e dos direitos individuais.

Palavras-chave:

Ciência. Comportamento. Loucura. Poder. Literatura brasileira

1. Introdução

Os estudos literários em relação ao conto “O Alienista” de Machado de Assis fazem parte da memória da Literatura Brasileira e muitos foram os autores que se debruçaram sobre o autor. As incessantes indagações sobre a legitimação do poder que perpassam seu enredo, e o tema da definição de “loucura” nos levaram a pensar na atualidade Machado e sua relevância para compreensão de nossa realidade a partir de nossa história. Sua publicação originalmente se deu por volta de 1881, em capítulos de uma revista, e no ano subsequente foi publicado em uma coletânea de contos, chamados “Papéis avulsos”.

Michel Foucault foi um filósofo e historiador contemporâneo, que se debruçou sobre a história da loucura, o aparato prisional e a sexualidade, renovando profundamente essas áreas, pensando a transversalidade do conhecimento. Ao pensarmos na atualidade de seu pensamento nos surpreendemos como questões caras a este filósofo ressoam no “Alienista”, de Ma-

chado, na qual ideias análogas são apresentadas na forma de uma alegoria irônica sobre os jogos do poder e as definições de loucura. Segundo Foucault,

Em todos os lados, a loucura fascina o homem. As imagens fantásticas que ela faz surgir não são aparências fugidias que logo desaparecem da superfície das coisas. Por um estranho paradoxo, aquilo que nasce do mais singular delírio já estava oculto, como um segredo, como uma inacessível verdade, nas entranhas da terra. Quando o homem desdobra o arbitrário de sua loucura, encontra a sombria necessidade do mundo; o animal que assombra seus pesadelos e suas noites de privação é sua própria natureza, aquela que porá a nu a implacável verdade do Inferno. (FOUCAULT, 1978, p. 27)

O binômio razão e loucura, como pensado por Foucault em “História da loucura”, ilumina nossa leitura de “O Alienista”, cuja temática parece ironizar noções correntes no século XIX, tendo como palco de suas experimentações a pequena cidade colonial de Itajaí, Estado do Rio de Janeiro.

É próprio da filosofia nos levar a reconhecer o que precisa ser problematizado e tornar visível o invisível, evitando interpretações enganosas e particularizadas para se chegará essência da verdade. Machado de Assis também nos leva, de forma análoga, a repensar conceitos típicos da filosofia (o sentido da razão e da loucura, os jogos de poder) através de uma didática da interação de personagens, criados de forma realista, dentro de uma obra que não segue, por outro lado, os preceitos da chamada “escola realista” na literatura, preferindo trabalhar dentro de uma perspectiva alegórica e exemplar.

Partindo desses pressupostos nossa finalidade será expor como essas ideias transpassam a obra “O Alienista”, preciosidade da literatura nacional, escrita por um autor afrodescendente, e que debate nossa sociedade civil de forma muito profunda em seus desmandos e suas contradições.

2. A ciência x comportamento

Ao nos debruçarmos na leitura de “O Alienista”, a sensação é de que Machado sempre será imprevisível. A comoção estética, o conhecimento atravessado por uma experiência ficcional de Itaguaí servirá para construir leituras que dependem da disposição ou condição de abertura para jogar o jogo do texto, perceber os horizontes multifacetados que se abrem, as categorias, os cruzamentos, as passagens que estão em torno do personagem-protagonista, o Simão Bacamarte, “filho da nobreza da terra e maior dos

médicos do Brasil, Portugal e das Espanhas” (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 253). Com propósito marcadamente nobre (nada faz tendo em vista o enriquecimento, mas pensando na ciência), e de personalidade incorruptível e focada apenas no que acredita ser a racionalidade mais pura, é um cientista que se forma na Europa mas utiliza a Colônia como base para o teste de suas teorias. Estudioso e médico-psiquiatra, chega à cidade e nota que os pacientes mentais não recebem tratamento algum, ficando os “mansos” à solta, e os “furiosos” presos. Busca então a construção de um manicômio, que servirá para a solução desses “problemas” através de seus experimentos, e tratamentos, em relação à loucura. Inicialmente, a sociedade itaguaiense abraça essa causa científica, toma a “Casa Verde” (como é chamada a instituição) por um local de ajuda, de cunho filantrópico, mas que, porém, irá aos poucos se revelando como um grande laboratório de experimentações abusivas.

Ao ânimo e ao desafio da leitura transparece a sensação plena de que Itaguaí se torna o *locus* de uma experimentação tateante, que se instala ao redor de cada indivíduo, tornando todos seus habitantes em sujeitos dessa experiência completamente estupefata, na qual apenas Simão Bacamarte é capaz de decidir, pelo poder conferido a ele pela Ciência, qual a linha divisória entre a razão e a loucura, a verdade e a não verdade, e a certeza e a incerteza. Aos poucos, boa parte de todos os habitantes de Itaguaí são encarcerados na Casa Verde, levando, ao final do conto, o próprio médico a rever sua metodologia, e a concluir, por fim, ser ele próprio quem padecia da loucura que cria ver em todos ao seu redor.

Machado de Assis toma da oportunidade que cria através de seu personagem, para nos apresentar sua perspectiva de monitorar e adaptar o comportamento humano, e de forma irônica conseguiu delinear uma sinuosa estratégia que ramificasse suas ideias. Partiu da premissa que ser totalmente “realista” não era seu objetivo, a sua peculiaridade o fez, de certo modo, abandonar os princípios da Literatura Realista, quando não o interessava. Como coloca, em livro dedicado especificamente ao debate do Realismo em Machado, Gustavo Bernardo:

Nosso autor escreveu *antes* daquelas sobrevivências do realismo e *contra* toda forma de realismo, quer através da fabulação de romances, quer em nome próprio através das crônicas jornalísticas e dos ensaios críticos. Por isso, no seu caso específico, a querela entre o romantismo e o realismo é duplamente falsa. Consequentemente, Machado não é nem romântico nem realista. (BERNARDO, 2011, Prólogo)

Muitas limitações e barreiras são postas por Machado de Assis em sua obra, partindo do pressuposto que há a existência de grandes obstáculos vindos das fronteiras dos Países, Estados e até mesmo as sociais, ou seja, as discriminações feitas a partir das raças, de cor, credo e religião. Pensar ou ter um olhar empático na dicotomia da cena contemporânea, como o gênero, um modo de ser ou ver o mundo diferenciado, seria ao certo, uma forma de encontrar um indivíduo contemporâneo figurado na personagem de Simão Bacamarte. Percebe-se, ao colar-se o leitor na trajetória do personagem-psiquiatra, que o cérebro é um dispositivo complicado que existe no universo, e através da ciência do comportamento é que se pôde observar os sentidos dos termos “razão x loucura”, e, desta forma, os jogos de poder que determinam as definições de ambos, situado por toda a narrativa do conto “O Alienista”.

Duas narrativas citadas por Foucault pensam a figura do sábio (exemplificada em Bacamarte) como próxima da do louco, visualizando, assim como Machado, a problemática da loucura como “excesso”: Sebastian Brant (1457 – 1521) humanista alemão, que escreveu o poema satírico *Das Narrenschiff* [A nau dos insensatos], em 1494, e Erasmo de Roterdã (1466 – 1536) e seu *Elogio da Loucura*. Segundo o historiador, a loucura,

Sem dúvida, ela tem algo a ver com os estranhos caminhos do saber. O primeiro canto do poema de Brant é dedicado aos livros e aos sábios; e na gravura que ilustra essa passagem, na edição latina de 1497, vê-se imponente, em sua cátedra erichada de livros, o Mestre que ostenta por trás de seu chapéu de doutor o capuz dos loucos cheio de guizos. Erasmo reserva aos homens do saber um bom lugar em sua ronda dos loucos: depois os Gramáticos, os Poetas, os Retóricos e os Escritores; depois os Jurisconsultos; em seguida, caminham os “Filósofos respeitáveis por sua barba e seu manto”; finalmente a tropa apressada e inumerável dos Teólogos. Mas se o saber é tão importante na loucura, não é que esta possa conter os segredos daquele; ela é, pelo contrário, o castigo de uma ciência desregrada e inútil. Se a loucura é a verdade do conhecimento, é porque este é insignificante, e em lugar de dirigir-se ao grande livro da experiência, perde-se na poeira dos livros e nas discussões ociosas; a ciência acaba por desaguar na loucura pelo próprio excesso das falsas ciências. (FOUCAULT, 1978, p. 29)

O comportamento humano, tomado como um conjunto de reações dos organismos aos estímulos externos, faz de Simão Bacamarte uma figura de toda essa análise, pois quando passou a se interessar por psiquiatria, e a fim de trazer notoriedade para a Colônia Brasileira e Portugal. O convite que talvez Machado nos propõe seria conhecer essa simbologia em torno da Casa Verde, do qual tanto esta quanto Itaguaí são personagens importantes. Itaguaí é o espaço de uma experiência, de crítica através de vários persona-

gens que vão comparecendo e crítica ao poder, tornando, assim, ao redor da casa verde uma grande metáfora.

Machado de Assis se constrói como o grande escritor do século 19, talvez por uma preocupação de não ficar preso a uma escola literária, consegue transcender a ideia de espaço-tempo e, sua relação com a imprensa fez com que acompanhasse o processo de profissionalização do escritor.

Transfere o modo de pensar a ciência como sendo positivista, onde a medicina mental despertou o interesse em alguns médicos interessados em uma possível ascensão social, pela dedicação a um campo pouco explorado no Brasil e, algo cada vez mais rendável.

2.2. A ironia de Machado de Assis

Como autor considerado fenômeno em vários aspectos, Machado mostrou que através do estudo voltado à categoria ironia, tem associado a crítica social ao seu estilo único que o diferenciava de outros escritores contemporâneos. Há uma ruptura com a narrativa linear, que por sua vez, tão peculiar à estética romântica, leva a usar a função da metalinguagem junto a essa categoria.

Como grande crítico da ironia na discrepância existencial da literatura brasileira do século XIX, Machado de Assis traz uma análise do comportamento de alguns membros da sociedade, ironizando-os através de diálogos compostos por alguns contos, como por exemplo, a “teoria do Medalhão”, onde há uma conversa entre pai e filho, em que o pai acha o filho escasso mentalmente, utilizando do eufemismo para manter sua postura irônica.

Percebe-se, ainda que, a verbalização utilizada por Machado de Assis, é tratada de forma leve o seu humor e, que serve para contar, criticar e fazer uma reflexão em volta de seus personagens. O autor, em “O Alienista”, remete a ideia irônica ao se referir à esposa de Simão Bacamarte, do qual era mal composta de feições, mas, mesmo assim, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de ignorar os interesses da ciência na admiração restrita, ou seja, agradecia por não precisar contemplar sua beleza, até porque não tinha e, por isso, o médico poderia se dedicar a ciência.

A narrativa curta é uma característica agradável aos olhos machadianos e, este, mesmo sabendo que pudesse ocorrer o estranhamento desta narrativa no século 19, insistia em aprofundar ainda mais sua forma de ex-

pressão, tornando-o, assim, um dos autores mais respeitados da literatura brasileira. Além dessa característica, a ironia machadiana, capaz de acertar as pessoas, sem que elas saibam que foram acertadas, de forma sutil e refinada, criticou a sociedade em que ele vivia, escrevendo sobre os diferentes personagens da história brasileira e a ironia de suas respectivas posições.

Em “O Alienista”, o personagem mais criticado, é também o predominante da ação, é o doutor Simão Bacamarte. A ironia desse personagem deu-se pelo simples fato de que um médico ter o dever de cuidar dos doentes, e principalmente zelar por eles, porém esse personagem faz de tudo para conseguir as respostas de seus próprios problemas, usando o avanço da medicina como desculpa para seus experimentos.

Outra personagem irônica é D. Evarista, mulher de Simão Bacamarte. O doutor resolveu se casar com ela com o único propósito de ter filhos, sabendo de sua condição perfeita de dar-lhe filhos saudáveis, e ironicamente não poderia dar esses filhos, perdendo-se posteriormente na compensação dos bens materiais e cuja fixação é posteriormente tratada por “loucura” pelo marido. D. Evarista dá o tom, já no início da narrativa, de que as “previsões” da ciência nem sempre se concretizam, sendo vencidas por uma natureza que a ela não se dobra. O fato potencializa para o leitor a expectativa do momento em que a ciência médica e a prática abusiva do Dr. Bacamarte se mostrarão falha ao final de todo o episódio da Casa Verde na história da cidade. A maior ironia do conto é, obviamente, a de que o próprio médico que procurava a cura para a loucura, acabou como um louco, e morreu sendo um, e por sua própria decisão e “aplicação” do método científico. Esse final nos sugere muitas coisas, tais como, quem procura a cura da loucura só pode ser louco, ou até o fato de ter um poder tão grande em mãos, e a sede por respostas incompreensíveis. O conto, enfim, nos traz a dimensão da opinião do autor, aos ideais e costumes de sua sociedade na época, mostra como as pessoas tinham pensamentos e modas ligadas a Europa, como se fosse o centro de tudo, e isso é criticado bastante pelo Machado de Assis através de sua ironia.

3. Considerações Finais

Diante do exposto neste trabalho, percebe-se que há uma discussão interdisciplinar e a junção entre ideias, sejam elas machadianas ou foucaultianas, e são tomadas por imensas reflexões voltadas à teoria que, de certa

forma, envolvem poder, loucura e atitude comportamental. Logo, Machado de Assis em “O Alienista” nos faz pensar que há uma experiência misteriosa envolvendo a fragilidade daquilo que seria certo e errado, normal e anormal.

Há uma dicotomia que levaria, do ponto de vista textual, à construção estrutural de um procedimento irônico, voltado não só para o leitor como também para o sujeito narrante, ou seja, ao refletir sobre o seu estatuto de ficção, essa obra acentuaria a figura deste sujeito, bem como o próprio exercício da escrita.

Dessa forma, pode-se dizer que há uma proximidade entre o personagem do Dr. Simão Bacamarte com o próprio Machado de Assis, uma vez que o autor também parece estar interessado em analisar as atitudes das pessoas e suas relações sociais. O escritor se coloca, neste contexto, como parte filósofo e parte cientista, que testa suas teorias em suas criaturas-personagens. A análise psicológica e a crítica social associada aos romances ditos “realistas” de Machado, mas no nosso caso, ele o faz através da apresentação cínica do lado sombrio da psicologia humana.

De Itaguaí, no século 19, para o cenário contemporâneo, percebe-se a inquirição em relação à presença esplêndida de cada personagem incorporada na sociedade moderna. Ao analisarmos ações construídas a partir de atitudes vindas de Simão Bacamarte, torna-se relevante observar a imensidão abrupta de características onde o indivíduo é tratado como um ser social insignificante e explorado além das aparências, do qual expõe toda a vaidade e egoísmo do homem. Michel Foucault, ao tratar da loucura como uma válvula de escape da sociedade, reflete sobre ela dentro de sua teoria do poder. O filósofo vai depreender a loucura como algo que depende de cada sociedade e as mutações do que significa ser ou não ser “normal”.

Machado de Assis, um pensador precursor, transmite suas ideias de forma exemplar ao meio, e seus pensamentos estão presentes na obra “O Alienista”. Subentende-se o questionamento, direcionado ao leitor, de quem realmente é o louco da história, os internos da Casa Verde ou o Simão Bacamarte que se interna sozinho com a conclusão de que é o único louco. Neste sentido, percebe-se, enfim, sua brilhante forma de apresentar à sociedade este desequilíbrio, e faz-nos refletir a grande evolução social que tivemos desde a era Colonial até o período Contemporâneo, haja vista que Machado nos apresenta, em concisão poética, um vislumbre de todo um debate contemporâneo sobre a definição do grande mistério da loucura humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, Gustavo. *O problema do Realismo em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra Completa em três volumes*. Volume 2. Rio de Janeiro: Aguilar, 1962.